

Arte & Viagem

coordenação de

MARGARIDA ACCIAIUOLI
ANA DUARTE RODRIGUES

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
ESTUDOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA

2012

SUMÁRIO

9 Apresentação

Parte I

VIAGEM: APROPRIAÇÃO E CONVICÇÃO

15 MARIA AUGUSTA BABO

Deambulações sobre a viagem

25 ANÍSIO FRANCO

As viagens de Afonso de Albuquerque

49 ANA DUARTE RODRIGUES

Roma para quem não foi a Roma: as ideias e as imagens

do centro da Cristandade nos guias às Antiguidades Romanas

65 MARIA LUÍSA CABRAL

O valor intemporal de um manuscrito setecentista revisitado:

o Diário de Frei Joaquim de S. José

Parte II

DIGRESSÕES

79 ALEXANDRA AI QUINTAS

Visões de ruínas: devaneios e deambulações culturais

95 MARIA CLARA PAULINO

Women travelers: glimpses of art and architecture in Portugal (1801-1851)

105 JOÃO BRIGOLA

Os viajantes e o «livro dos museus». As coleções portuguesas

através do olhar dos viajantes estrangeiros (1700-1900)

117 PAULO SIMÕES RODRIGUES

Da viagem do olhar à viagem das formas:

percursos da identidade artística portuguesa no século XIX

VIAGEM DO OLHAR VIAGEM DAS FORMAS: CURSOS DA IDENTIDADE ARTÍSTICA PORTUGUESA NO SÉCULO XIX

SIMÕES RODRIGUES

de 1840 foi matricial para a historiografia da arte portuguesa. Correspondeu a um momento de formalização teórica de uma identidade artística pelo estabelecimento e classificação dos estilos históricos nacionais do manuelino e do moçárabe. Em relação ao primeiro desses estilos, o manuelino, a denominação é devida a um engenheiro brasileiro de ascendência alemã e portuguesa, de seu nome Francisco Varnhagen, que propôs a sua adopção num artigo acerca do Mosteiro de Santa Maria de Belém ou dos Jerónimos, «Portugal V. Mosteiro de Belém», publicado no jornal *O Panorama* entre os dias 19 de Fevereiro e 30 de Abril de 1842¹. Pela mesma altura, possivelmente entre 1842 e 1843, o engenheiro Luís Mousinho de Albuquerque, estava a dirigir o restauro do mosteiro gótico de Santa Maria da Vitória ou da Batalha, o que também alvitra que o mesmo Mosteiro dos Jerónimos e outras edificações semelhantes análogas fossem classificadas de *emanuelinas*. No entanto, Luís Mousinho de Albuquerque fê-lo num texto que embora deva ter sido redigido no intervalo de tempo considerado, de 1842 a 1843, só foi conhecido a partir de 1854, aquando da publicação póstuma pela viúva do autor, facto que levou a historiografia a atribuir o nome do estilo a Varnhagen. Paralelamente, a primeira menção conhecida ao moçárabe deve-se ao escritor Almeida Garrett que, em 1846, no livro manifesto do romantismo português, *Viagens na Minha Terra*, utilizava o termo *moçarabe* para definir e classificar o género architectónico especial nosso (leia-se português), em que o pensamento cristão da architectura da Meia Idade se sente relaxar pelo contacto e pelos hábitos sensuais moirescos, e de sua luxuosa e redundante elegância. Referindo-se às características estilísticas da configuração de uns bustos representados em quatro relevos existentes no interior da Igreja da Graça de Santarém, Garrett reiterava

citado em volume ainda nesse mesmo ano, com o título *Notícia Histórica e Descritiva do Mosteiro*